

LUA
CHEIA



J H O N L I M A

LU A C H E I A

A SAGA LUNAR | LIVRO I



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Jhon Lima, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Henrique Moraes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lima, Jhon

Lua cheia / Jhon Lima – 1ª edição – São Paulo:

Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-68-7

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tele.: (11) 9.8020-0810

Dedicado a Davi Silva.
O primeiro que leu esta história.

Quero agradecer a todos que se interessaram pela primeira versão desta história.

Agradeço pelo carinho e por cada detalhe, que me incentivaram a seguir com esta edição. Espero de todo coração que gostem. Foi um verdadeiro desafio escrever este livro, mas me orgulho de ter chegado até aqui.

Muito obrigado, queridos leitores.

PRÓLOGO

Dizem que, em nosso mundo, coisas estranhas fazem aparições inesperadas. Mas que tipo de coisa? Criaturas do além, que se escondem nas sombras, nas cavernas mais profundas e no breu das florestas. Já se olhou no espelho? Encarou profundamente os próprios olhos? Talvez você seja um de nós, e, se escutou o chamado, “o uivo”, então precisa se preparar para encarar a lua cheia e os seus desafios.

1

SMAIL VILAGE, 1998

NICK

Pela manhã, por volta das oito horas, acordei com o brilho do sol se esgueirando pelos pequenos buracos da janela de meu quarto, iluminando o cômodo. Abri os olhos com dificuldade, sendo recebido pelo forte cheiro de café.

Levantei-me ainda sonolento e abri a janela, vendo que o dia estava radiante, e o céu, aberto. A vila estava bem movimentada, como de costume, seus moradores cumprindo os deveres.

Tomei um banho rápido e vesti uma roupa não muito pesada.

Antes que pudesse me inclinar para pegar a minha mochila, que estava ao lado da cama, alguém apareceu na janela, pulando-a, e logo já estava dentro do meu quarto, como se não houvesse uma porta para ser usada.

— Bom dia, meu caro amigo — falou Davi, o meu único e melhor amigo; éramos amigos desde a infância.

— Você sabe qual é a função de uma porta? — perguntei e peguei a mochila. — Pois bem, há uma bem ali. Pode usar.

— Responda ao meu bom-dia, seu sem graça — ele debochou.

– Bom dia, Davi.

Suspirei e abri um leve sorriso de canto.

– Bem melhor. Está vendo como é ótimo receber um bom-dia? Bem educado, meus parabéns.

– Hã... – resmunguei colocando a mochila nas costas. Já estava na hora de sair. – Vamos, precisarmos ir. Temos uma longa caminhada até a cabana do senhor Warren.

– Vá na frente.

Davi estendeu a mão, e, com um sorriso brincalhão, abri a porta e fomos até a cozinha, onde minha mãe colocava café em uma caneca.

– Bom dia, mãe.

Dei alguns passos, chegando à porta da frente, que já estava aberta.

– Bom dia, querido.

– Bom dia, senhora Lombardi – falou Davi.

– Davi? Você dormiu aqui?

– Não. Na verdade eu pulei a janela tem uns cinco minutos.

– Por que não entrou pela porta? – perguntou, curiosa. – Estava aberta.

– Queria fazer uma entrada dramática.

Revirei os olhos, rindo de sua brincadeira. Minha mãe fez o mesmo.

– Certo, mãe, já estamos de saída. Até mais tarde – despedi-me, saindo de casa.

– Tomem cuidado na floresta, meninos! – ela gritou, parando na porta.

Davi e eu começamos a nossa rotina: fomos andando até a saída da vila. No caminho, vi alguns caçadores andando pelo local, algumas crianças brincando de pega-pega e alguns homens trazendo as vacas para serem ordenhadas.

Subimos um pequeno morro, a entrada para a floresta. Paramos.

— Só eu que sinto um frio na barriga quando chego aqui em cima? — comentou Davi.

— Para falar a verdade, não. Eu também sinto.

A Floresta Negra... Poucas pessoas do vilarejo entravam nela, só o faziam se fosse uma emergência. Muitos a temiam, pois alegavam encontrar criaturas para as quais não tinham nomes — o que era corroborado pelos boatos e lendas que diziam que ali viviam criaturas malignas. Nunca vimos nada suspeito, mesmo escutando tais histórias desde crianças.

Davi e eu trabalhávamos com o senhor Warren desde os nossos quinze anos. Passávamos pela floresta todos os dias, e, ainda assim, nunca havíamos desconfiado de nada. Contudo, não era isso que impediria o prefeito de proibir as pessoas de entrarem na floresta durante a noite. Alguns homens na vila trabalhavam como vigias à noite, por segurança e precaução.

Após alguns minutos de caminhada, chegamos à cabana. Era grande, feita de madeira e pedra, com um toque moderno, bem decorada e bem cuidada. O senhor Warren era um homem solitário e tinha um amor muito grande pela cabana, e era o único da vila a morar no meio da Floresta Negra. Warren era um homem bem musculoso, alto, de barba cheia e cabelo curto. Era quem ajudava em boa parte de tudo na vila — podia-se até dizer que era um substituto sempre que o prefeito precisava se ausentar. Era ele quem trazia os alimentos da cidade para o vilarejo, e nós o ajudávamos com as lenhas, as pescas e diversas outras coisas.

— Bom dia, meninos. Vamos ao trabalho? — perguntou Warren ao entregar um machado para cada um de nós. — Hoje iremos atrás de lenha. Pelo que fiquei sabendo, está em falta. Vocês irão levar um carrinho cheio até o ferreiro do vilarejo.

— Nós pegamos lenha para ele há dois dias.

— É, eu sei, Davi. Mas é o trabalho, então chega de conversa e vamos indo.

— A gente pega tanta lenha que daqui a algum tempo não vai ter mais nem uma árvore na floresta... — resmungou Davi.

As horas passaram depressa conforme trabalhávamos, o sol já ardendo em nossas costas. No meio da tarde, boa parte da lenha fora colocada ao lado da cabana do senhor Warren, e o resto, no carrinho para levarmos à vila.

— Bom, rapazes, encerramos por hoje. Amanhã tem mais.

— O que vamos fazer amanhã? — perguntei, ofegante, colocando o resto da lenha no carrinho.

— Vamos pescar. Já faz algumas semanas que não chegam novos carregamentos de comida. Temos que aprender a nos virar, porque, se formos depender da cidade, iremos morrer de fome — ele falou, cravando o machado no chão.

— Mais do que já dependemos é impossível.

— Não mais, Davi. Agora vão embora, logo vai escurecer e vocês não vão querer andar pela floresta à noite.

— Está bem. Até amanhã, senhor Warren.

Logo Davi e eu partimos. No caminho, revezamos o carrinho, de modo que cada um o levasse um pouco. Quando chegamos na vila, tivemos a costumeira impressão de que estávamos rodeados de olhares — e a verdade era que realmente estávamos rodeados de olhares, afinal éramos os únicos a trabalhar com Warren na floresta.

Fomos até o ferreiro para entregar a lenha.

— Aqui está, senhor — falei, deixando o carrinho ao lado da porta dos fundos, por onde ele saiu com o jaleco sujo de carvão.

— Ah, obrigado, meninos. Se não fosse por vocês e por Warren, este fim de mundo estaria perdido.

– Já estamos perdidos. Só não morremos porque Deus não quer
– comentou meu amigo.

Logo o interrompi:

– Certo. Vamos indo, né, Davi?

Olhei sério para ele.

Fomos andando para casa. Estávamos em frente à praça, de onde o pôr do sol era assistido por alguns moradores.

– E aí, vai fazer o que hoje à noite? – Davi perguntou.

– Acho que só vou dormir, por quê? – perguntei, passando as mãos pela minha roupa e tirando a sujeira.

– Vamos até o lago mais tarde? Não quero ir sozinho.

– Olha, se for para eu ir e ficar de vela para você e Sofia, prefiro ficar em casa dormindo.

– Nick, por favor! Você não vai me deixar na mão, vai? – Permaneci calado, olhando para ele com seriedade. – Por favor, por favor... – insistiu.

– Está bem, eu vou com você – resmunguei.

– Obrigado, obrigado, obrigado! Você é o melhor amigo do mundo. Eu passo na sua casa mais tarde.

Ele saiu correndo para sua casa e eu voltei andando para a minha. Small Village era um vilarejo bem isolado, no meio da floresta, longe de outras cidades e sem comunicação com nenhuma delas.

Ali era realmente o fim do mundo.